mobile JOURNALISM

JORNALISMO

Mojo

MÓVEL

BML
BROADCAST MEDIA LAB

Prof. Dr. Fernando Moreira

JORNALISMO MÓVEL

Hoje é possível encontrar diversas coberturas feitas a partir de um bom smartphone equipado com alguns acessórios selecionados e provido de um plano adequado de dados.

Não por acaso, gigantes do setor de Comunicação, como a britânica BBC, investem na capacitação de seus recursos humanos para a realização de coberturas de campo contando com a praticidade de um smartphone. Outras grandes redes também já fazem o uso de tais ferramentas, como a brasileira GloboNews e a europeia Euronews. A emissora indiana MojoTV opera integralmente com câmeras de smartphones de última geração e, a tcheca Czech TV investe pesado nessa mesma direção. São iniciativas que derrubam a provável alegação de que tal "migração" é motivada única e exclusivamente por custos mais acessíveis, o que poderia sugerir que isso interessa apenas a pequenas emissoras.

Conhecido como MOJO (como mencionado logo no início do texto, trata-se de uma abreviatura oriunda das palavras *Mobile Journalism*), esse movimento tem gerado também novas oportunidades para desenvolvedores de apps dedicados à melhoria da experiencia na captação, edição descomplicada e distribuição de arquivos de som e imagem, assim como fabricantes de gadgets específicos como tripés, estabilizadores, iluminadores de led, microfones dos mais variados tipos, lentes e diversos outros recursos.

Tradicionais fabricantes de equipamentos para o setor audiovisual – Shure, Sannheiser, DJI, Manfrotto, Zeiss e Zhiyun entre outras – investem no desenvolvimento de novos produtos pensados exclusivamente para esse mercado. Em grandes portais de marketplace ou grandes redes lojistas de foto e vídeo é possível encontrar uma infinidade de recursos criados para aperfeiçoar a qualidade de captação com esses dispositivos móveis, tornando-os mais próximos em recursos daquilo que até muito pouco tempo era encontrado apenas em câmeras mais sofisticadas . . . e caras.

A capacidade de captação de imagem em 4K (ultra definição) e o aumento na capacidade de armazenamento para suportar conteúdo com essas características, baterias com cargas mais duráveis, a inserção de recursos de zoom óptico são apenas algumas das características das novas câmeras embarcadas que ampliaram as possibilidades de uso profissional desses dispositivos.

Seguindo a mesma tendência, surgem festivais, eventos e programas de treinamento com foco na criação de conteúdo com dispositivos mobile e para consumo em telas de dispositivos mobile.

O CONCEITO DE MOJO: MOBILE JOURNALISM

Jornalismo móvel (mobile journalism = MOJO) pode ser definido como uma forma de fazer jornalismo na qual o essencial é usar dispositivos portáteis para compartilhar e transmitir notícias o mais rápido possível ou, ainda, que é um novo fluxo de trabalho no qual os repórteres são treinados e equipados para serem totalmente móveis e autônomos por meio do uso das tecnologias e dispositivos.

Para isso os jornalistas devem ter um treinamento técnico, necessário para usar dispositivos móveis para geração de notícias e essas competências técnicas devem ser acompanhadas pelas técnicas básicas como a habilidade de contar histórias, aferição e verificação.

MOJO é uma técnica que está intimamente atrelada ao desenvolvimento de tecnologias portáteis, assim seu conceito inicial pode ser encontrado antes da Primeira

Guerra Mundial, em 1913, quando foi lançada a American Tourist Multiple, a primeira câmera fotográfica que usava os filmes de 35mm, mas como custava aproximadamente U$4,000.00 de hoje, o que não a tornou muito popular. Depois, em 1925, quando a fábrica de equipamentos ópticos Leica (abreviação de Leitz(sche) Camera), lançou a Leica I, foi que, finalmente, os jornalistas tiveram um bom equipamento para o jornalismo móvel. Então, podemos dizer que o jornalismo móvel começou com esse primeiro dispositivo que facilitou muito a vida dos repórteres: a câmera fotográfica com filmes pequenos (35mm).

Depois disso, vieram outras tecnologias que facilitariam o envio de imagens em movimento como as câmeras à corda de 16 mm e mesmo as amadoras de 8mm.

Na área de televisão e vídeo, a primeira experiência portátil foi o " Walkie Lookie" da RCA, que era uma "mochila" pesando 25 quilos ligada a uma câmera que podia fazer transmissões para o estúdio, criada logo após a II Guerra Mundial em 1946, sendo utilizado nos EUA e Inglaterra até os anos 1960 na cobertura de eventos, como as eleições. Na década de 1960 surgem as filmadoras Super 8mm coloridas sonoras que fizeram a festa nas mãos de jornalistas, cineastas amadores etc.

Os equipamentos autônomos portáteis de televisão, com câmera e gravador separados, surgiram no final dos anos 1960 (Portapack Sony) amador para uso individual e, no início dos anos 1970, (U-Matic Sony). Ambos eram operados por duas pessoas além do repórter, pois eram formados por duas unidades separadas, uma câmera e um gravador conectados por um cabo. Só no ano de 1982 a empresa BOSCH alemã (depois chamada de BTS) lançou a câmera KBF-1, com um gravador incorporado, sendo a primeira Camcorder, um aparelho único que reunia uma câmera e um gravador (recorder).

Mais tarde, entre 1982 e 1983, a empresa Sony lança a pequena Betamovie e a JVC a miniVHS JVC GR-C1 Videomovie (que ficou famosa no filme "De volta para o futuro" de 1985). E assim, as primeiras Camcorders que realmente alcançaram volume de vendas, não eram destinadas ao público profissional, mas aos amadores que queriam fazer suas produções caseiras e precisavam de um equipamento mais compacto. Só depois disso é que o mercado de televisão profissional criou e adotou esse modelo de

trabalho, eliminando um profissional da equipe, que era o operador de VT que, além de carregar o vídeo, que era ligado à câmera por uma cabo, controlava o volume de áudio e o tempo da fita.

Isso acabou criando uma geração de profissionais que tinham finalmente um sistema audiovisual individual portátil. Faltava, agora, um sistema de transmissão que quebrasse o paradigma do Broadcast, ou radiodifusão, que permitisse uma nova forma para que os conteúdos fossem levados não somente para dentro das emissoras de TV, que os retransmitem, mas que poderia ser transmitido diretamente para outros espectadores e, aí, foi necessário o surgimento de outras tecnologias como a Internet www, o streaming e dispositivos como smartphones e tablets.

Com a Internet não somente foram derrubadas as barreiras territoriais como também surgiram diversas formas de transmissão que são hoje amplamente utilizadas nos meios de comunicação, como a digitalização de conteúdos audiovisuais, troca de arquivos digitais e as TV´s e Rádios por IP (o chamado Internet Protocol). Depois do advento do 'youtube' e seus concorrentes, a oferta de conteúdo audiovisual pela web ganhou espaço.

Na verdade, a partir de 2006 esse tipo de oferta consolidou-se também em função da disponibilidade de melhores serviços pelos provedores com o aumento significativo da banda ao usuário final. Em 2007, a empresa Apple mudou o mundo com um smartphone com tela touch que gravava e reproduzia áudio e vídeo com ótima qualidade – o Iphone. Depois disso, o MOJO passou a ganhar uma nova dimensão tecnológica e de produção de conteúdo audiovisual.

As pessoas começaram a produzir e trocar informações de forma simples e global, quando os jornalistas passaram a utilizar esse novo modelo de smartphone para difundir as estórias diretamente com a população, através de sites e, depois, pelas mídias sociais.

Alguns dos benefícios do Mobile Journalism são:

1. Muito acessível e portátil

Pode-se produzir conteúdo jornalístico em áudio e vídeo através dos smartphones com ótima qualidade. Uma mochila com um tripé ou monopé, um microfone, bateria extra, iluminação à pilha ou bateria, um bom pacote de dados em 4G, talvez ainda um HD

externo, transformam qualquer jornalista em um correspondente capaz de gerar material audiovisual ao vivo ou gravado de praticamente qualquer lugar.

2. Multiplataforma

Com os recursos de dispositivos portáteis pode-se produzir material para qualquer tipo de mídia, eletrônica ou digital.

3. Oferece credibilidade

Os smartphones permitem que o jornalista fique mais "invisível" durante uma cobertura de eventos e fatos e faça transmissões ao vivo mais próximas do acontecimento. Da mesma forma, as pessoas se sentem menos intimidadas em dar depoimentos frente a um telefone do que frente a toda a parafernália de um equipamento de externa profissional.

O MERCADO DE APPS E ACESSÓRIOS PARA MOJO

Como resposta ao crescente interesse pelo uso mais extensivo dos recursos de captação de som e imagem ofertados pelos modernos smartphones, vem crescendo o número de opções entre aplicativos para potencializar os recursos e ajustes. Além disso, é prospero o volume de fabricantes de acessórios para esse tipo de utilização.

Somente para ilustrar, durante a edição 2016 da ExpoMusic, então a maior feira de negócios do setor de música e sonorização da América Latina, apenas um expositor apresentou, em um pequeno canto de seu stand, uma nova linha de microfones de qualidade profissional para emprego com smartphones. Já, em 2019, na ExpoMusic Show, evento que substituiu o evento mencionado, 8 stands traziam recursos para captação de som com smartphones, sendo que em 4 desses stands a maior parte ou a totalidade da área era destinada a esses recursos. E, na SetExpo 2019, feira brasileira do setor de engenharia de televisão, realizada anualmente pela Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão – SET, na cidade de são Paulo, 8 stands dedicaram-se à apresentação de recursos dedicados ao uso de smartphones como ferramentas de produção.

Entre esses recursos, estabilizadores mecânicos e motorizados, linhas completas de microfones de qualidade profissional – com fio e sem fio, adaptadores para fixação

em tripé, conjuntos variados de lentes, softwares para transmissão online e até minigruas.

A tecnologia Network Device Interface (NDI) também se fez presente em diversos stands e em palestras e seminários, invariavelmente apresentando exemplos de aplicação em que o uso de smartphones dotados de apps do recurso se apresentam como câmeras remotas conectadas aos switchers dentro da mesma rede de dados.

Essas feiras internacionais da indústria de equipamentos audiovisuais são um espaço privilegiado para observação das tendências nas áreas de Tecnologia da Comunicação e Informação aplicadas ao mercado de equipamentos audiovisuais, bem como ao de telecomunicações e recebem anualmente centenas de milhares de visitantes, entre profissionais, especialistas e pesquisadores, sendo que o evento mais representativo é a NAB Show, realizada anualmente pela National Association of Broadcasters – NAB, na cidade de Las Vegas-EUA, com a participação de aproximadamente 100.000 pessoas de 150 países e, no ano de 2019, muitas empresas mostraram soluções para MOJO e para o próprio futuro dos programas jornalísticos.

JORNALISMO AUDIOVISUAL DE ESTÚDIO. QUAL O FUTURO?

Um diretor de TV, no conceito brasileiro e de alguns outros países, é o maestro de uma orquestra formada por operadores de câmeras, operador de GC, operador de VT etc., tudo para fazer com que apresentadores ou jornalistas apresentem um programa e, por que não aproveitar a experiência dos *gamers* para formar uma nova geração de apresentadores e jornalistas que possam assumir o comando de diversas funções, como disparar um vídeo, por exemplo?

Daí a criação de um novo conceito profissional: uma forma de fazer do apresentador mais atuante or no processo de produção de programas, que controla seu tempo, solta as matérias, gráficos, vinhetas.

Esse novo profissional atuaria como um locutor de rádio, que no dia a dia não necessita do apoio de um operador toda vez em que precisa soltar uma música, no estilo

dos gamers que, diferentemente dos youtubers, fazem a maioria dos programas ao vivo ou, como se fosse ao vivo. E foi, exatamente, a observação de algumas transmissões de games que deu início a uma pesquisa de como um só operador conseguiria cortar imagens de câmeras, inserir comentários de redes sociais, disparar imagens, vídeos e gráficos e telas da Internet, ou seja, tudo que um apresentador faz durante um telejornal.

Pensando nesse conceito – e sem querer que um jornalista ou apresentador seja obrigado a tornar-se um especialista em operar teclados de computador, que não são nada amigáveis – e aproveitando o advento dessas novas formas de controle em formato de botoeiras, é totalmente possível diminuir a equipe de produção de qualquer telejornal sem perder a qualidade e, inclusive, melhorar o dinamismo dessas transmissões. Trata-se de reduzir a equipe para profissionais da área técnica focados no que é mais criativo e menos mecânico.

Imagine o que não dará para fazer com sistemas como esse e o sonhado 5G, com a velocidade de conexão que todos sonhamos que, com certeza vai ser uma quebra de paradigmas para toda a indústria do entretenimento, abrindo mais espaço para todos os criadores de todas as indústrias, e permitir experimentação com muito mais qualidade. Será uma grande oportunidade para bons criadores de conteúdo e empresas que queiram focar no desenvolvimento e experimentação de formatos e, a cada vez que o 5G tiver maior cobertura, a indústria de broadcast será cada vez mais multicast, e poderá ser o renascimento da televisão ao vivo, de bairro, local e, ao mesmo tempo, globalizada.

Como pode ser esse futuro breve: um apresentador de programa ao vivo que, sozinho, ou com uma pequena equipe de apoio, faz um programa de jornalismo ou entretenimento no qual ele, além de protagonista da informação, também é um ator técnico, interferindo diretamente no ritmo do programa, sem precisar de uma grande equipe técnica para executar atividades mecânicas, seja com a ajuda da automação e Inteligência Artificial, seja com o apoio de uma pequena equipe que prepara os materiais audiovisuais e os coloca em dispositivos de fácil manuseio, criando um ambiente tecnológico altamente sofisticado, mas invisível e simples.

Esse profissional ainda está em formação, assim como a equipe técnica que entenda e trabalhe esse conceito mas, no momento em que várias funções na produção de TV estão morrendo – câmeras de estúdio, por exemplo: há cerca de 20 anos um telejornal tinha um operador de câmera para cada câmera de estúdio – novos formatos com câmeras fixas e poucos movimentos fizeram com que hoje tenhamos 3 ou 4 câmeras e um operador somente, isso quando as câmeras não são robóticas ou robotizadas, muito mais ágeis e obedientes, que também podem ser controladas e programadas por uma única pessoa. O operador de gerador de caracteres é também outra função em extinção, assim como o operador de VT que, com material preparado previamente por um técnico, pode ser acionado por um botão no switcher pelo próprio diretor de TV.

O mais importante é garantir que a qualidade seja mantida e lembrar que, ainda com toda a inovação, nem tudo pode ser feito por uma equipe pequena, mas que tudo pode ser otimizado e reduzir o que é muito simples ou mecânico, valorizando o trabalho profissional daquele que busca uma especialização sem preocupação com acúmulo de funções menores e menos complexas.